

ESCRITA DIGITAL E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Luís Cláudio Dallier Saldanha*
Milca Tscherne**

Resumo: Este artigo reflete sobre a comunicação entre professor e aluno na Educação a Distância que, mediada por inúmeras tecnologias, encontra na escrita, sob forma de diálogos planejados e não planejados, uma importante mídia capaz de satisfazer a relação intersubjetiva necessária a toda experiência educativa.

Palavras-chave: Educação a Distância. Comunicação. Mediação pedagógica.

1 Introdução

Na educação a distância, a ausência física do professor e as implicações dessa não contiguidade são elementos geralmente apresentados para questionar a possibilidade de diálogo pedagógico e de ensino-aprendizagem eficaz.

Coloca-se em dúvida a aprendizagem que se dá a partir da mediação pedagógica caracterizada pela mediatização, ou seja, centrada em mídias e processos de comunicação suportados pelas novas tecnologias. A comunicação síncrona, em tempo “real”, porém sem a copresença física dos sujeitos envolvidos, e a comunicação assíncrona, na qual os interlocutores não compartilham o mesmo espaço físico e o mesmo tempo “real”, apontariam para uma redução da relação professor-aluno a aspectos comunicacionais.

Em face do uso intensivo de novas tecnologias na mediação pedagógica, ficariam comprometidos o diálogo, a interação social e a relação intersubjetiva. Diante dessas limitações, as experiências de educação a distância apresentariam, então, um risco ao aprendizado ou à formação integral.

Deve-se considerar, entretanto, o fato de que há antecedentes do uso de técnicas e tecnologias na mediação pedagógica.

Levando-se em conta, por um lado, a mediação por meio da escrita e o predomínio da cultura do impresso na tradição escolar e, por outro lado, o uso de diversos produtos ou recursos tecnológicos na modalidade presencial, é possível afirmar que sempre há um grau de mediatização na relação professor-aluno.

* Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Titular do UniSEB Interativo e membro do Grupo ALPHA-FE/USP.

** Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora da UNIESP.

Não se pode negar que o livro impresso ou os fragmentos de textos inscritos por meio do giz numa lousa sejam manifestações visíveis e materiais da tecnologia na sala de aula. No entanto, hoje, essa tecnologia apresenta-se mais complexa e sofisticada.

Nas experiências de educação a distância, a escrita em meios digitais aparece como recurso fundamental na relação professor-aluno, manifestando-se por meio dos *chats*, *e-mails*, fóruns etc. Tal fato aponta para a pertinência de se analisar as possibilidades de relações interpessoais significativas para a aprendizagem no contexto da educação a distância.

O esforço para garantir a interação e interatividade, na relação entre professor, aluno e conhecimento, é uma forma de superar a inexistência da dinâmica da sala de aula presencial.

No entanto, a discussão que permeia essa interação é, por vezes, equivocada por conceber como insubstituível o contato presencial do professor com o aluno.

As ressalvas, as posturas reticentes e os debates acadêmicos suscitados pela modalidade a distância acabam provocando reações e reflexões que, por um lado, focam a questão da distância física e da ausência do professor e, por outro lado, enfatizam o uso das novas tecnologias como forma de superação da distância e da instauração de uma presença virtual qualitativa.

Se considerarmos a construção do conhecimento como um processo que se dá por meio da linguagem, poderíamos deslocar o foco, que parece se voltar sempre à ausência do contato ou da proximidade física entre o professor e o aluno, para a qualidade da linguagem ou das linguagens usadas para mediar essa relação.

2 Escrita em meios digitais e relações interpessoais

A Internet, em vez de inibir a escrita, provocou um uso crescente da sua prática. Não se limitando à troca de mensagens nas salas de bate-papo ou nos *sites* de relacionamento, as pessoas se valem da *WEB* para intensificarem suas relações interpessoais e se comunicarem no dia a dia. Essa dimensão pessoal do uso da Internet está incorporada ao nosso cotidiano.

A linguagem nos meios eletrônicos caracteriza-se pela velocidade inédita; pela informalidade; pelo seu caráter fragmentário e não linear; pela possibilidade de combinação de várias mídias num mesmo texto; pelas formas livres do texto, indo além das limitações da página do impresso; pela possibilidade de interatividade, dentre outras.

Para Crystal (2001, p. 8), a linguagem na Internet apresenta três dimensões: a) do uso da língua; b) da natureza enunciativa; e c) dos gêneros discursivos. Essas perspectivas são descritas por Freitag (2006) de modo bastante elucidativo.



a) Do ponto de vista do *uso da língua*, a pontuação é quase abolida, há a proliferação de siglas e abreviaturas não convencionalizadas pela norma padrão, a estrutura das frases é extremamente simples (não há período composto) e a escrita é semi-alfabética, baseada nas noções fonéticas e não nas convenções ortográficas da língua. b) Do ponto de vista da *natureza enunciativa*, observa-se mais emprego de semioses, por meio dos *emoticons* ou arte ASCII, do que usualmente ocorre na escrita, dada a natureza do meio em que ocorre a interação. c) Do ponto de vista dos *gêneros discursivos* ocorre a adaptação de alguns gêneros já existentes ao meio virtual e o desenvolvimento de outros realmente novos. (FREITAG, 2006).

Deve-se destacar, também, que a escrita em contextos de comunicação eletrônica ou digital incorpora elementos da oralidade com muito mais liberdade e flexibilidade. É possível até identificarmos uma desconstrução da oposição entre fala e escrita no contexto das novas tecnologias da informação e da comunicação, num hibridismo que ainda não é bem conhecido e acaba, muitas vezes, sendo mal-compreendido (MARCUCCHI, 2004, p. 63; HALLIDAY, 1996, p.354).

Bagno (2005, p.98) assevera que “a comunicação eletrônica via Internet vem tornando cada vez mais difícil a delimitação entre o que, tradicionalmente, só era admitido na língua falada e o que era cobrado na língua escrita”. Há uma interação maior entre gêneros textuais e a proliferação de novos gêneros.

Os novos gêneros textuais, como o *blog*, o *e-mail* e o *chat*, resultariam no uso de recursos como neografias fonetizantes, silabogramas, alongamentos gráficos, onomatopeias, siglonimização, hipocorísticos e outros elementos que caracterizariam a linguagem escrita da Internet (FREITAG, 2006).

As neografias fonetizantes, diferentemente das grafias tradicionais, relacionam-se com a criação de novas palavras por meio de reduções. As reduções gráficas vinculam-se à oralidade por meio de uma escrita fonética. Uma palavra nova torna-se uma redução de outra a partir da eliminação de uma consoante ou até mesmo de uma sílaba. A motivação é a necessidade de se aproveitar eficazmente o espaço limitado em mensagens eletrônicas, como o caso das mensagens de texto por celular (SMS).

Os silabogramas são caracterizados pelo uso de uma consoante para representar uma sílaba, aplicando-se principalmente a palavras monossilábicas.

Os alongamentos gráficos enfatizam elementos da mensagem por meio do alongamento de uma palavra ou de repetições exaustivas de algum sinal ou pontuação, como os pontos de exclamação e de interrogação. A ênfase pode ser alcançada pelo uso de maiúsculas para contrastar com o restante da mensagem em minúscula. Os alongamentos



gráficos, entretanto, vão contra a economia de espaço, pois quando se trata de expressão de afetividade a limitação de espaço fica em segundo plano (ESCUADERO, 2007, p. 192).

As onomatopeias, reprodução de um som por meio de fonemas ou palavras, aparecem no contexto das mensagens eletrônicas para simular a oralidade na escrita, apresentando expressividade e afetividade próprias da informalidade e espontaneidade.

A sigloneização, formação de siglas, é usada para substituir sintagmas ou enunciados inteiros, e os hipocorísticos, que designam uma variante afetiva ou figurada de um nome, são recursos encontrados tanto na Internet quanto nos SMS.

Esses recursos apontam para a aproximação entre escrita e oralidade nos meios digitais. No entanto, deve-se ponderar que oralidade e escrita não são completamente antagônicas ou diferentes.

Na verdade, oralidade e escrita não apresentam apenas diferenças, pois elas têm igualmente aspectos e características comuns, levando-nos a constatar que em vez de uma relação dicotômica e estanque é mais adequado pensarmos em semelhanças e diferenças contínuas.

E se “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos”, o contexto das mensagens digitais e eletrônicas explicita e intensifica a relação dialética entre oralidade e escrita (MARCUSCHI, 1995, p.13).

As observações sobre o uso da língua em contextos digitais nos mostram que é possível estabelecer, tanto por meio de gêneros textuais quanto de linguagens novas, as relações interpessoais no contexto do ciberespaço.

Se nas experiências de mediação pedagógica a escrita digital é importante recurso para a comunicação e a relação professor-aluno, então se apresenta a pertinência de se examinar alguns aspectos e implicações desse fato.

Diante das possibilidades tecnológicas, podemos reconhecer que não é inviável garantir a relação intersubjetiva entre professor e aluno, desde que haja um apropriado uso dos meios. A distância física não comprometeria necessariamente a aprendizagem desde que a comunicação e o diálogo fossem de qualidade e preservados.

Sabe-se que a proximidade física e o compartilhar o mesmo tempo e espaço no modelo de ensino presencial não garantem, necessariamente, o diálogo verdadeiro e uma abordagem



educativa de qualidade. Sabemos que há, sobretudo no Ensino Superior, uma tradição de reflexões monológicas por parte do professor.

Por outro lado, a dinâmica desejável das aulas presenciais, baseada em metodologias ativas ou em produção de textos orais dialogados, pode ter na escrita digital uma correspondência para se garantir a relação dialógica entre professor e aluno na Educação a Distância (EaD), desde que utilizada como mídia interativa sob forma de diálogo.

3 Escrita digital e mediação pedagógica

As objeções que são feitas às novas práticas de escrita digital e seu uso na mediação pedagógica, numa manifestação de desconfiança quanto à possibilidade de diálogo na EaD, parecem confirmar os estranhamentos e as resistências comuns diante das inovações.

Numa retrospectiva, constataríamos que a própria escrita já foi vista como algo “estranho” ou como novidade ameaçadora, sendo objeto de questionamentos e de suspeitas acerca de seus benefícios.

Podemos relembrar o diálogo, proposto por Platão, entre Sócrates e Fedro. Nele, aparece o argumento de que a prática da escrita poderia representar uma ameaça à memória. Há uma dificuldade em aceitar a forma fixa do discurso pela imposição da distância espaço-temporal entre o momento da escrita e os diferentes momentos e espaços em que a leitura e as interpretações seriam realizadas. A escrita apontaria para uma ausência física do autor do discurso.

A escrita, fixada no texto, apresentaria argumentos, mas seria incapaz de contra-argumentar. Poderia “falar”, mas não responderia, ou responderia sempre do mesmo modo ou a mesma resposta.

Percebe-se que esse conceito em Platão reduz o texto ou a escrita ao lugar de obra acabada que não dialoga com o leitor nem abre possibilidades de novas leituras, além de não reconhecer que a escrita, assim como outras linguagens, tem a capacidade de referenciar e representar por meio de signos.

A preocupação ali parecia ser física: ao se ter o conhecimento organizado e arquivado num suporte físico exterior ao corpo, seria retirado do texto o aspecto fluido e variado do discurso oral, fixando-lhe numa forma única.

Platão acrescenta, além da perda da memória, outro risco: a autonomia que um texto escrito adquire ao não depender mais do discurso oral. A distância entre quem formula o



discurso e quem o lê e a ausência de um diálogo direto entre produtor e receptor do texto gerariam uma imprevisibilidade das interpretações.

Uma vez escrito, cada discurso vai rolar por todos os lados, passar indiferentemente por aqueles que conhecem e por aqueles que não conhecem e por aqueles que não conhecem nada disso; ele ignora a quem ele deve ou não deve se dirigir. Se vozes discordantes se fazem ouvir a seu respeito, se ele é injustamente injuriado, ele tem sempre a necessidade e o socorro de seu pai. Sozinho, com efeito, ele é incapaz de responder a um ataque e se defender. (PLATÃO apud GONNET, 2004, p. 32).

Ao se caracterizar pela independência, a escrita se desligaria de quem a produziu e assumiria um dinamismo paradoxal: ao mesmo tempo em que a escrita cristaliza com sua forma o discurso, estimula outras relações e diálogos íntimos entre o leitor e seu universo de experiências e, também, entre os demais leitores que, eventualmente, partilhem da mesma leitura.

A escrita (graphé), Fedro, tem essa estranha qualidade, e é muito semelhante à pintura (zoographía); pois ela coloca as suas criações como seres vivos (zônta), mas se alguém lhes perguntasse algo, continuariam a preservar seu silêncio solene. Assim são as palavras em um texto. Podemos pensar que elas falam como se tivessem inteligência (phoroúntas), mas se lhes perguntamos algo desejando saber mais sobre seus dizeres, elas sempre indicam só uma única coisa, o mesmo. E toda palavra quando é escrita uma vez, está fadada a dizer o mesmo entre aqueles que compreendem e aqueles que não têm o mínimo interesse, e não sabe a quem se deve. Quando mal tratadas ou injustamente reveladas, sempre precisam de seu pai para ajudá-las, não têm poder de se protegerem a si mesmas. (PLATÃO apud REIS PINHEIRO, 2008, p. 77).

Há uma extensa reflexão de Sócrates acerca daquilo que ele acreditava serem os riscos e limitações da mídia escrita. A noção de que um texto não trava diálogo com o leitor e a de que a sua releitura não traria nada de novo mostram como as novas mídias sempre desafiam a nossa avaliação acerca de suas potencialidades e nos impõem quebras de paradigma. A escrita criaria uma distância entre o produtor do texto e o discurso, com um espaço suscetível a interpretações erradas, deixando o texto vulnerável a qualquer ataque, abandonado à própria sorte.

A ausência do diálogo em tempo “real” e das suas possibilidades reguladoras dadas pelos reparos, pelas reconstruções e pelas repetições distanciaria o leitor das intenções do escritor. Há uma nítida subestimação da capacidade da escrita e uma superestimação da capacidade da comunicação oral.

Estamos em 370 a. C. Este argumento presente em *Fedro* parece centralizar a capacidade de transferência da escrita como se a partir do registro escrito a memória deixasse



de ser o receptáculo de dados que sempre foi e pudesse, a partir de um suposto desuso, ser desativada ou enfraquecida.

Hoje, sabemos que a escrita é só uma das muitas linguagens, todas eficazes desde que usadas de modo apropriado para cada finalidade.

Ao analisarmos as críticas radicais às novas tecnologias e à educação a distância, podemos identificar modelos de reflexão baseados em noções como presença e ausência, proximidade e distância, diálogo e monólogo, isolamento e interação que, de certo modo, reduzem o próprio conceito de aprendizagem a distância.

A escrita não se opõe à memória, tampouco a substitui; pelo contrário, são diferentes e podem se complementar.

Aquilo que num primeiro momento representou uma ausência, perda ou ameaça, num segundo momento redundou numa mídia capaz de recuperar e preservar a memória num depositário cultural infinito. Como conheceríamos Platão se não fosse por meio da escrita? A escrita é uma linguagem que torna presente todo um universo de ausências ao qual jamais teríamos acesso se não fosse por meio dos signos.

Quando se tem a escrita como a principal mediadora no processo ensino-aprendizagem, aciona-se, inevitavelmente, outra atividade fundamental a ser praticada pelo aluno, que é o exercício da leitura. Se pensarmos na autonomia intelectual que o indivíduo conquista ao dominar a leitura, defenderíamos com mais força todo processo mediado por tal linguagem.

Os *chats* e os fóruns são dois exemplos de interação, de manifestações de discurso não planejado e, eventualmente, planejado, assim como a fala, no entanto, eles se apresentam predominantemente sob a forma de escrita. São espaços de discussões e de registros que podem ser retomados, revistos, recuperados e, até certo ponto, suplantam a efemeridade dos argumentos expostos oralmente numa sala de aula presencial.

Aliás, quando há um debate de qualidade na sala de aula presencial, é comum os alunos se apressarem a fazer anotações. Ou quando o professor é considerado um excelente mestre, é comum os alunos perguntarem se podem gravar a aula.

Isso mostra que a escrita ou qualquer outro modo de registro são práticas antigas e válidas que acompanham a rotina do estudante. Não seria, portanto, uma novidade com a qual o aluno de um curso na modalidade a distância teria de entrar em contato. O que há de novo talvez seja a escrita interativa e digital como mediadora do diálogo pedagógico.

4 As condições situacionais de produção do diálogo na Educação a Distância

O diálogo do qual estamos tratando não é mediado por manifestações orais, mas se realiza por escrito em meios digitais como os *chats* e os fóruns. Mas nem por isso deixa de apresentar a espontaneidade típica da oralidade: há diálogos planejados, não planejados, com e sem interrupção, mais formal e menos formal. Apresentam condições situacionais diversas pautadas pela necessidade dos interlocutores, pela exigência do conteúdo, pela proposta do professor ou tutor para aquele encontro e até pelo estilo do professor.

São, principalmente, nesses momentos e espaços do *chat*, que o professor ou tutor entra em contato mais direto com os alunos, consegue dimensionar como o conteúdo está sendo assimilado depois de exposto por meio do material didático, da aula via satélite ou gravada, das mensagens postadas nos fóruns ou enviadas por *e-mail*. É nesse momento que o professor consegue perceber também as dificuldades e, eventualmente, remodelar a sua prática com aqueles alunos.

Do ponto de vista estrutural, atuam nesses diálogos vários fatores com função pragmático-interativa, como as descontinuidades presentes na progressão do tema.

Ao contrário de uma ruptura que desorganiza ou retarda a fluência da exposição do professor, essas descontinuidades pontuam aquilo que deve receber nova forma escrita a fim de ficar claro o percurso intelectual que o professor está traçando para que todos caminhem na mesma direção.

A conversação é espontânea, o discurso é até certo ponto planejado, mas desenvolve-se com naturalidade, de modo contínuo e veloz assim como as situações de fala numa sala de aula presencial. Apresenta ainda a vantagem do registro escrito que permite a recuperação dos conteúdos já expostos, dos argumentos já apresentados, das dúvidas e dos esclarecimentos já postados.

As suspensões momentâneas do tema ou um possível desvio apontam para algo fundamental e desejável nos *chats*, que é o envolvimento entre os interlocutores; do contrário, o professor progrediria de modo fluido e contínuo com o tema proposto sem quebras na sequência de seu discurso.

O diálogo do aluno pela escrita na EaD - para além da sua fala que, às vezes, até inexistente no formato presencial-, mostra o desempenho verbal do aluno e possíveis limitações que poderão ser superadas.



Ao professor, cabe orientar e supervisionar todo o andamento do texto escrito dialogado e valer-se de estratégias apropriadas que facilitem a compreensão do aluno por meio da leitura.

A repetição é uma das estratégias, desde a repetição exata, sem qualquer variação, até as paráfrases e os reparos. Mencionar que tal assunto já foi discutido ou que já está registrado em réplicas anteriores o objeto da dúvida do aluno seria desconsiderar a necessidade de reconstrução e de reparos no discurso docente, algo que não é exclusivo na EaD.

Dentro dos processos de reconstrução, o reparo representa um grau superior ao da repetição *stricto sensu*, no que diz respeito à reelaboração na sequência discursiva: a informação recorre – daí o seu caráter de repetição *lato sensu* – mas com nuances diferenciadoras digna de nota. O falante trunca o enunciado e o retoca, com o objetivo de substituir uma primeira formulação por outra, mais pertinente aos seus objetivos comunicativos. Está nessa substituição, que implica a exclusão de uma escolha anterior, o traço que com mais evidência particulariza o reparo. (KOCH et al., 2002, p. 136).

5 Conclusão

Finalmente, é pertinente reconhecer que as relações mediatizadas pela escrita digital nos *chats* ou em outras ferramentas usadas na educação a distância fazem parte de um contexto de comunicação e relações interpessoais que a *WEB* cada vez mais explicita.

O diálogo, para muitos, está garantido na Internet porque é possível postar um texto e ter, quase que ao mesmo tempo, uma resposta, um retorno.

Um texto provocaria, em “tempo real”, respostas que se constituiriam em outros textos. Assim, estaria aberto o diálogo por meio da escrita no ciberespaço. Os *blogs*, *chats*, mensagens eletrônicas e outras formas de escrita inaugurariam um diálogo permanente.

E se o diálogo fecundo com o livro, com o texto postado na *WEB*, com o professor num *chat* ou numa sala de aula presencial será sempre mediatizado, sempre se valerá de um meio, então é preciso permanentemente avaliar se os recursos tecnológicos são meios que favorecem e possibilitam o ensino-aprendizagem e não comprometem o diálogo pedagógico.

Os meios que hoje mais usamos poderão ser superados, sem que, no entanto, o diálogo tenha que necessariamente ficar comprometido.

Por isso, se a proliferação da escrita nos *blogs*, *chats* e fóruns aponta para o incremento da escrita na Internet e para a possibilidade de mediação pedagógica por meio da mediatização tecnológica, é preciso indagar se a escrita permanecerá como uma das principais formas de comunicação no ciberespaço, pois: “Alguns chegam a identificar uma tendência para a “migração da internet da comunicação escrita para a audiovisual” (DÓRIA, 2010).



Assim, é possível imaginar que a primazia da escrita na Internet pode passar, pode ser ameaçada pelos serviços de videochat, com interação por meio de recursos de áudio e de imagem. Não se sabe se essa será uma tendência que se confirmará. De qualquer forma, essa possibilidade aponta para a necessidade de se manter a reflexão e o debate sobre mídias e educação abertos.

DIGITAL WRITING AND PEDAGOGICAL MEDIATION IN DISTANCE EDUCATION

Abstract: This paper reflects on the communication between teacher and students in Distance Education, which is mediated by many technologies and has in writing an important media in the way of planned and unplanned dialogues, able to satisfy all the intersubjective relationship found in the educational experience.

Keywords: Distance Education. Communication. Mediation teaching.

Referências bibliográficas

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CRYSTAL, David. **Language and the internet.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

DÓRIA, T. **Para muito além da comunicação escrita na web.** Tiago Dória Weblog. 23 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.tiagodoria.ig.com.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2010.

ESCUADERO, Belém C. Análisis lingüístico-pragmático de un corpus de mensajes sms. **Ferrán 28**, Madrid/Espanha, p. 185-210, nov. 2007.

FREITAG, Raquel M. K. Internet y la lengua portuguesa: cambios a la vista?. In: **III Congresso ONLINE Observatório para a Cibernsiedade**, 2006. Actas eletrônicas do III Congresso ONLINE Observatorio para a Cibernsiedade. Barcelona: OCS, 2006.

GONNET, J. **Educação e Mídias.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

KOCH, I. G. V. et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. de. (org.) **Gramática do português falado.** Vol. I: A ordem. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

MARCUSCHI, Luiz A. **Análise da conversação.** São Paulo: Ática, 1995.

REIS PINHEIRO, M. O. Fedro e a escrita. In: **Anais de Filosofia Clássica**, vol. 2, n. 4, 2008.